LEIGH BARDUGO
FRANCESCA LIA BLOCK
LIBBA BRAY • CASSANDRA CLARE
BRANDY COLBERT • TIM FEDERLE
LEV GROSSMAN • NINA LACOUR
STEPHANIE PERKINS • VERONICA ROTH
JON SKOVRON • JENNIFER E. SMITH

ACONTECEU NAQUELE VERÃO

Doze histórias de amor

Organização de
STEPHANIE PERKINS

intrínseca

ACONTECEU NAQUELE VERÃO

intrínseca

ACONTECEU NAQUELE VERÃO

Doze histórias de amor

Organização de

STEPHANIE PERKINS

Tradução de Ana Rodrigues,
Flora Pinheiro e Larissa Helena

Copyright © 2016 by Stephanie Perkins

“Cabeça, escamas, língua, cauda” (“Head, Scales, Tongue, Tail”) copyright © 2016 by Leigh Bardugo. “O fim do amor” (“The End of Love”) copyright © 2016 by Nina LaCour. “O último suspiro do Cinemorte” (“Last Stand at the Cinegore”) copyright © 2016 by Libba Bray. “Prazer doentio” (“Sick Pleasure”) copyright © 2016 by Francesca Lia Block. “Em noventa minutos, vá em direção a North” (“In Ninety Minutes, Turn North”) copyright © 2016 by Stephanie Perkins. “Lembranças” (“Souvenirs”) copyright © 2016 by Tim Federle. “Inércia” (“Inertia”) copyright © 2016 by Veronica Roth. “Amor é o último recurso” (“Love Is the Last Resort”) copyright © 2016 by Jon Skovron. “Boa sorte e adeus” (“Good Luck and Farewell”) copyright © 2016 by Brandy Colbert. “Nova atração” (“Brand New Attraction”) copyright © 2016 by Cassandra Clare, LLC. “Mil maneiras de tudo isso dar errado” (“A Thousand Ways This Could All Go Wrong”) copyright © 2016 by Jennifer E. Smith, Inc. “O mapa das pequenas coisas perfeitas” (“The Map of Tiny Perfect Things”) copyright © 2016 by Lev Grossman. Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em quaisquer meios.

TÍTULO ORIGINAL
Summer Days and Summer Nights: Twelve Love Stories

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Rayana Faria
Cristiane Pacanowski

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
ô de casa

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ARTE DE CAPA
Jim Tierney

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B226a

Bardugo, Leigh, 1975-
Aconteceu naquele verão : doze histórias de amor / Leigh Bardugo, Francesca Lia Block, Libba Bray ; organização Stephanie Perkins ; Tradução de Flora Pinheiro, Larissa Helena e Ana Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
384 p. ; 23 cm.

Tradução de: Summer days and summer nights
ISBN 978-85-510-0115-8

1.Conto americano. I. Block, Francesca Lia. II. Bray, Libba. III. Perkins, Stephanie. IV. Helena, Larissa. V. Pinheiro, Flora. VI. Rodrigues, Ana. VII. Título.

16-37705

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA JARROD, MELHOR AMIGO E GRANDE AMOR.

SUMÁRIO

CABEÇA, ESCAMAS, LÍNGUA, CAUDA 9
LEIGH BARDUGO

O FIM DO AMOR 38
NINA LACOUR

O ÚLTIMO SUSPIRO DO CINEMORTE 66
LIBBA BRAY

PRAZER DOENTIO 106
FRANCESCA LIA BLOCK

EM NOVENTA MINUTOS, VÁ EM DIREÇÃO A NORTH 123
STEPHANIE PERKINS

LEMBRANÇAS 157
TIM FEDERLE

INÉRCIA 184
VERONICA ROTH

AMOR É O ÚLTIMO RECURSO 214
JON SKOVRON

BOA SORTE E ADEUS 255
BRANDY COLBERT

NOVA ATRAÇÃO 286
CASSANDRA CLARE

MIL MANEIRAS DE TUDO ISSO DAR ERRADO 314
JENNIFER E. SMITH

O MAPA DAS PEQUENAS COISAS PERFEITAS 347
LEV GROSSMAN

CABEÇA, ESCAMAS, LÍNGUA, CAUDA

LEIGH BARDUGO

Cabeça

Havia muitas histórias sobre Annalee Saperstein e por que ela tinha ido parar em Little Spindle, mas a favorita de Grace era a da onda de calor.

Em 1986, Nova York teve um verão tão absurdo que todo mundo que tinha dinheiro suficiente para sair da cidade saiu. O asfalto amoleceu com o calor; um homem foi encontrado morto na banheira com um ventilador ao lado dos joelhos peludos; a eletricidade ia e vinha, tremeluzindo como uma lâmpada anti-insetos coberta de mariposas. No Upper East Side, acima das padarias e delicatéssens, das lojas Woolworth e do mercado Red Apple, as pessoas dormiam sem coberta, chupavam lascas de gelo e ficavam com as janelas escancaradas, rezando por uma brisa. Foi por isso que, quando o rio Hudson escapou das margens e foi atrás de encrenca em uma noite quente de julho, encontrou a janela de Ruth Blonsky entreaberta, presa por uma caixa de sapato amassada da Candie's.

Mais cedo, naquele mesmo dia, Ruth tinha ido ao Riverside Park com os amigos e tomado um sorbet de lima bem azedinho. Usara sua chemise laranja-escura — que na verdade era uma camisola vintage que ela mesma tingira, com certo sucesso, usando duas caixas de tintura Rit. Fazia dias que

a chuva prometia cair, mas o céu pairava pesado sobre a cidade, uma saliência cinzenta e inchada de nuvem que se recusava a ceder. Com a pele úmida de suor, Ruth se apoiara na balaustrada do parque para olhar lá para baixo, para a superfície ondulante do rio, opaca e quase negra sob o céu nublado. Tivera a estranha sensação de que a água olhava de volta para ela.

Então uma gota do sorbet de lima na pequenina colher cor-de-rosa caiu em sua mão, surpreendente feito uma lambida em seu pulso, e Marva Allsburg gritou:

— Vamos no Jaybee ver uns discos.

Ruth lambeu o sorbet do pulso e não pensou mais no rio.

Porém, mais tarde naquela noite, quando acordou com os lençóis ensopados de suor e um emaranhado de junco ao pé da cama, a primeira coisa que lhe veio à mente foi aquela gota pegajosa de açúcar. Caíra no sono sem tirar a roupa do parque, e a chemise laranja-escura úmida estava grudada em sua barriga. O corpo ardia por baixo do tecido, e a garota se sentia febril com o pouco que se lembrava dos sonhos com o deus rio, uma silhueta musculosa que se movia pelas correntes profundas do sono, a pele cinzenta salpicada de azul e verde. Tinha nos lábios a sensação de que acabara de receber um beijo, os pensamentos enuviados como se tivesse emergido rápido demais das imensas profundezas. Demorou um pouco para os ouvidos desobstruírem, para ela reconhecer o cheiro musgoso e metálico de concreto úmido e finalmente decifrar o som que entrava pela janela aberta: chuva caindo em um tamborilar uniforme nas ruas imersas na pré-alvorada. Enfim o calor tinha dado trégua.

Nove meses depois, Ruth deu à luz um bebê com olhos verdes como musgo e cabelos que eram ramos de algas marinhas. Quando o pai de Ruth a expulsou do apartamento no pequeno prédio sem elevador — xingando-a tanto em inglês quanto em polonês e resmungando, irritadíssimo, a respeito do garoto porto-riquenho que levara a sua filha ao baile do penúltimo ano do ensino médio —, foi Annalee Saperstein quem a acolheu, ignorando os sussurros e *tsc tscs* da vizinhança. Annalee trabalhava na lavanderia vinte e quatro horas na West 79, onde os próprios clientes operavam as máquinas com moedas. Ninguém sabia dizer quando ela dormia, já que, independentemente da hora, estava sempre sentada diante da bancada fazendo palavras cruzadas sob as luzes fluorescentes, com as máquinas zumbindo e chacoalhando ao redor. Certa vez, Joey Pastan fez um escândalo porque ficara sem moedas de vinte e cinco cen-

tavos, e o homem podia jurar que as secadoras tinham *rosnado* para ele, então ninguém ficou muito surpreso quando Annalee acreditou em Ruth Blonsky. E ninguém ousou discutir quando Annalee encontrou o pai de Ruth na fila da delicatéssen Gitlitz e golpeou o peito dele com os duzentos gramas de rosbife em fatias finíssimas que acabara de comprar, anunciando, irritada, que não se podia confiar em espíritos do rio.

A filha de Ruth recusava leite. A criança só bebia água salgada e comia quilos e mais quilos de ostras, mariscos e lagostins minúsculos, que precisavam ser entregues em engradados no apartamento apertado de Annalee. Mas a dieta deve ter feito bem ao bebê de olhos verdes, que cresceu e se tornou uma linda menina — e logo foi descoberta por um agente enquanto atravessava a Amsterdam Avenue. Tornou-se uma modelo famosa, conhecida pelos lábios carnudos e pelo caminhar fluido, e comprou uma cobertura para a mãe na Park Avenue, que decoraram com pinturas de flores desérticas e leitos de rios secos. Deram uma quantia de dinheiro razoável a Annalee Saperstein, o que a permitiu largar o emprego na lavandeira e sair da cidade grande para fixar residência em Little Spindle, onde abriu uma franquia da Dairy Queen.

Essa era apenas uma das muitas histórias sobre como Annalee Saperstein fora parar em Little Spindle, e Gracie gostava dela porque achava que fazia certo sentido. Por que outro motivo Annalee compraria exemplares da *Vogue* italiana e da francesa se só usava vestidos de poliéster e chinelos com meia?

O povo dizia que Annalee *sabia* das coisas. Foi por isso que Donna Bakewell a procurou no verão em que não conseguia parar de chorar porque seu terrier tinha sido atropelado. Não parava de chorar nem para dormir, comprar feijão ou atender ao telefone. As pessoas ligavam e só ouviam Donna chorando e soluçando do outro lado da linha. Mas, sabe-se lá como, bater aquele papo com Annalee foi o suficiente para fazer o que nenhum médico ou remédio tinham conseguido: secar as lágrimas de Donna de uma vez por todas. E foi por isso que, ao não conseguir se livrar da certeza de que sua ex-esposa colocara uma maldição em sua nova caminhonete, Jason Mylo fez uma visita noturna a Annalee, na DQ. E também foi por isso que, ao ver uma coisa muitíssimo parecida com um monstro marinho irromper por entre as águas da lagoa de Little Spindle, Gracie Michaux foi atrás de Annalee Saperstein.

Gracie estava sentada na margem do que considerava ser a *sua* enseada, uma pequena praia rochosa na borda sul da lagoa, pouco conhecida e que pouco interessava aos outros. Quase não batia sol e não havia mesas de pique-

nique ou balanços de corda lá, elementos que atraíam turistas durante a alta temporada como barcos eram atraídos por faróis. Gracie lançava pedrinhas na lagoa, fazendo-as quicar na superfície da água, dizendo a si mesma para não cutucar a casquinha do machucado no joelho porque, quando chegasse seu aniversário de catorze anos, queria ficar bonita no short jeans que cortara ainda mais curto. Cutucou a casquinha mesmo assim, quando ouviu um barulho na água. Viu uma, duas, três corcovas irromperem na superfície azul, uma pequena cordilheira cintilante que apareceu e logo sumiu, seguida pelo chicotear de — embora sua mente se recusasse a aceitar, ao mesmo tempo que bradava: — uma *cauda*.

Gracie foi se arrastando, destrambelhada, até chegar aos pinheiros mais acima, então se levantou com dificuldade, o coração a mil, esperando ver a água se abrindo outra vez ou alguma coisa enorme e escamosa se erguendo, mas nada aconteceu. Sentia a boca salgada com o gosto de sangue. Tinha mordido a língua. Cuspiu, subiu na bicicleta e pedalou o mais rápido que podia pelo caminho de terra acidentado até o asfalto liso da estrada principal, as coxas ardendo de tanto que ela corria para atravessar a cidade.

Não foi uma corrida tão extensa, já que Little Spindle não era lá uma cidade muito grande. Tinha um mercadinho, um posto de gasolina com o único caixa eletrônico das redondezas, uma clínica veterinária, várias lojinhas de presentes e o antigo prédio do Rotary, que fora transformado em biblioteca pública depois que a biblioteca de Greater Spindle foi inundada, dez anos antes. Little Spindle nunca experimentara a movimentação intensa ou os aglomerados de condomínios e casas chiques que orbitavam Greater Spindle. Só tinha umas poucas cabanas rudimentares para alugar aos veranistas e a pousada Spindrift. Apesar de a lagoa ser quase tão grande quanto Greater Spindle, cercada de terrenos perfeitamente bons, havia algo inquietante a respeito daquelas águas.

De longe, a lagoa parecia bastante agradável, vibrantes lampejos de azul em meio aos pinheiros, a luz do sol se projetando da superfície, formando fractais brilhantes como joias. Mas a animação de quem caminhava por ali ia minguando com a aproximação, e, no tempo que levava para chegar à margem, o humor já estava definitivamente lúgubre. Ainda assim, sempre dava para se convencer a caminhar na praia, talvez se balançar no pneu velho — mas, ao soltar a corda, naquele breve segundo com o corpo pairando acima da água, vinha a certeza absoluta de ter cometido um erro terrível, de que depois que seu

corpo desaparecesse abaixo da superfície você nunca mais seria visto, de que a lagoa não era uma lagoa, e sim uma boca, uma boca faminta, azul e taciturna. Algumas pessoas pareciam insensíveis aos efeitos da lagoa de Little Spindle, mas outras se recusavam a encostar até mesmo o dedo do pé naquela água.

A única loja que lucrava o ano inteiro era a Dairy Queen, apesar de o Stewart's ficar a apenas alguns quilômetros de distância. Por que Annalee decidira abrir o negócio em Little Spindle, em vez de Greater Spindle, era um mistério para todos — a não ser para ela própria.

Naquele dia, Gracie não foi direto para a DQ — não imediatamente. Na verdade, foi para casa e largou a bicicleta no jardim. Já estava abrindo a porta de tela quando se conteve. Eric e a mãe gostavam de passar os sábados no quintal, deitados lado a lado em cadeiras de plástico reclináveis, cochilando de mãos entrelaçadas, como um casal de lontras. Ambos trabalhavam longas horas no hospital de Greater Spindle e acumulavam sono como se colecionassem figurinhas.

Gracie pairou naquele instante diante da porta, a mão estendida. Pensando bem, o que diria à mãe, uma mulher que nunca perdia o ar de preocupação, nem mesmo enquanto dormia? Por um momento, à beira da lagoa, Gracie se sentira criança outra vez, mas a verdade era que já tinha catorze anos. Devia ser mais sensata.

Subiu outra vez na bicicleta e pedalou lentamente, pensativa, em nenhuma direção específica, a crença no monstro se esvaindo como se o sol a fizesse sair de seu corpo com o suor. O que vira, de fato? Um peixe, talvez? Vários? Mas deve ter sido guiada por um impulso mais profundo, porque, quando pedalou perto da Dairy Queen, fez a curva para entrar no estacionamento meio cheio.

Annalee Saperstein fazia as palavras cruzadas na mesa de frente para a janela, como sempre, com um sundae derretendo diante de si. Gracie conhecia Annalee principalmente porque gostava de ouvir histórias a respeito dela, mas também porque sua mãe sempre a mandava chamar Annalee para jantar com eles, complementando todas as vezes com um "Ela é velha e solitária". Ou "Ela parece gostar".

A mãe balançava um dos dedos, como se regesse uma orquestra invisível.

"Ninguém gosta de ficar sozinho."

Gracie tentava não revirar os olhos. Tentava.

Ela se esgueirou para o rígido assento vermelho diante de Annalee e perguntou:

— Você sabe alguma coisa sobre o Idgy Pidgy?

— Boa tarde para você também — resmungou a mulher, sem tirar os olhos das palavras cruzadas.

— Desculpe. — Gracie pensou em explicar que o dia já tinha começado esquisito, mas optou por perguntar: — Como vai você?

— Ainda viva. Sua mão ia cair se você passasse um pente nesse cabelo?

— Não adianta. — Gracie tentou prender o cabelo preto e escorrido de volta no rabo de cavalo. — Meu cabelo não respeita minhas ordens. — Aguardou um pouco, então perguntou: — Bem... e o monstro na lagoa?

Ela sabia que não era a primeira pessoa a afirmar que vira alguma coisa nas águas de Little Spindle. Havia vários relatos dos anos 1960 e 1970, mas sua mãe alegava que era só porque estavam todos drogados. O conselho da cidade até tentara transformar os boatos em atração turística, criando a alcunha de "Little Idgy Pidgy, o monstrinho de Litte Spindle" e pintando uma serpente marinha muito amigável e de olhos esbugalhados na placa de BEM-VINDO A LITTLE SPINDLE. Não convenceu ninguém, mas ainda dava para divisar os contornos da figura na placa e, alguns invernos atrás, alguém grafitara um falo gigante no bicho. Durante os três dias que o conselho da cidade levou para reparar naquela obra de arte e contratar alguém para repintar a placa, o Idgy Pidgy do letreiro parecia estar tentando fazer sexo com o E no fim de LITTLE SPINDLE.

— Como assim, tipo o Monstro do Lago Ness? — perguntou Annalee, olhando para cima através dos óculos de lentes grossas. — Você se queimou toda de sol.

Gracie deu de ombros. Estava sempre queimada, ou se recuperando de uma queimadura, ou prestes a se queimar.

— Não, tipo o *nosso* monstro da lagoa.

Não era como o do lago Ness. A forma era completamente diferente. Mais ou menos como a serpente boba-alegre do letreiro da cidade, para falar a verdade.

— Vá perguntar para aquele garoto.

— Que garoto?

— Não sei o nome dele. É um desses veranistas. Vem todo dia às quatro, atrás da calda de cereja.

Gracie sentiu ânsia de vômito.

— Calda de cereja é intragável.

Annalee cutucou a garota com a caneta.

— A calda de cereja vende sorvetes.

— Como ele é?

— Magro. Usa uma mochila grande e roxa. Tem cabelo branco.

Gracie deslizou mais para baixo, afundando no banco, o corpo amolecendo com a decepção.

— Eli?

Gracie conhecia a maioria dos adolescentes veranistas que vinham a Little Spindle já havia alguns anos. Eles não se misturavam muito. Os pais convidavam uns aos outros para churrascos, e os jovens andavam em grupinhos barulhentos, montados nas bicicletas sujas, dominando os lagos, formando fila no Rottie's Red Hot e na DQ, atulhando o Youvenirs logo antes do Labor Day, feriado do dia do trabalho, para comprar bonés ou chaveiros. Mas Eli sempre estava sozinho. A casa que sua família alugava devia ficar em algum ponto ao norte da lagoa, porque todo mês de maio ele aparecia caminhando para o sul na estrada principal, com suas bermudas quadriculadas de algodão sempre grandes demais e a mochila roxa. Ele patinhava até a biblioteca em seus tênis Vans surrados e passava a tarde inteira lá sozinho, então pegava a mochila enorme e caminhava pesadamente de volta para casa, se enroscando e se escondendo como um tatuzinho-de-jardim louro e esquisito — mas não antes de passar na DQ para, ao que parecia, pedir um sorvete com calda de cereja.

— O que que tem o Eli? — perguntou Annalee.

Era muito difícil de explicar. Gracie deu de ombros.

— Eli é meio que o pior deles.

— A calda de cereja da humanidade?

Gracie deu risada, mas se sentiu mal por ter rido quando Annalee a perscrutou por cima das armações de plástico e comentou:

— E você é a queridinha da cidade, né? Não faria mal arrumar novos amigos.

Gracie repuxou a barra desgastada do short recém-cortado. Ela já tinha amigos. Mosey Allen era bacana. E Lila Brightman. Tinha companhia para almoçar, pessoas que a esperavam antes de tocar o primeiro sinal. Mas elas moravam em Greater Spindle, como a maior parte dos outros alunos.

— E o que Eli Cuddy poderia saber sobre Idgy Pidgy? — perguntou Gracie.

— Ele passa o tempo todo na biblioteca, não passa?

Annalee tinha razão. Gracie tamborilou os dedos na mesa, descascou um pouco mais do esmalte lilás já lascado do polegar. Pensou na história do bebê de olhos verdes e do deus do rio.

— Então você nunca viu nada parecido com Idgy Pidgy?

— Mal consigo ver a caneta na minha mão — retrucou a mulher, amarga.

— Mas se uma pessoa tivesse visto um monstro, um monstro de verdade, não... não uma metáfora. Essa pessoa provavelmente seria maluca, né?

Com um dedo magro e nodoso, Annalee endireitou os óculos no nariz. Seus olhos castanhos tinham um brilho suave, reumático.

— Existem monstros em todos os cantos, *tsigele* — respondeu. — É sempre bom saber os nomes deles. — Ela tomou uma colherada da poça que restava do sorvete e estalou os lábios. — Seu amigo chegou.

Eli Cuddy estava de pé diante da bancada, a mochila pesando nos ombros, fazendo seu pedido. O problema daquele garoto não era só que ele gostava de ficar mais em lugares fechados do que ao ar livre. Gracie não via nada demais nisso. O problema era que Eli nunca falava com ninguém. E sempre parecia um pouco... úmido. Como se suas roupas estivessem grudadas no peito magro. Como se, caso alguém tocasse sua pele, reparasse que estava úmida.

Eli se acomodou a uma mesa com dois assentos e usou a mochila de apoio para ler um livro enquanto comia.

Quem toma uma casquinha desse jeito?, perguntou-se Gracie, enquanto observava o garoto dando mordidinhas estranhas, cuidadosas. Então se lembrou das corcovas se movendo na lagoa. *Era só o reflexo do sol na água*, protestou sua mente. *Eram escamas*, insistiu seu coração.

— O que significa *tsigele*? — perguntou a Annalee.

— Cabritinho — respondeu a mulher. — Bale, bale, cabritinho. Ande logo com isso.

Por que não? Gracie secou as palmas das mãos no short e andou sem pressa até a mesa. Sentia-se mais corajosa que o habitual. Talvez porque nada do que dissesse para Eli Cuddy importaria muito. Não era como se ele fosse ter para quem contar, caso ela falasse alguma bobagem.

— Oi — cumprimentou.

O menino ergueu os olhos, piscando para ela. Gracie não tinha ideia do que fazer com as mãos, então as apoiou nos quadris. Ficou com medo de parecer prestes a começar uma dancinha coreografada de líder de torcida e deixou as mãos caírem.

— Você é o Eli, né?

— Aham.

— Eu me chamo Gracie.

— Eu sei. Você trabalha no Youvenirs.

— Ah. Verdade.

Gracie sempre trabalhava lá nas manhãs de verão, basicamente porque Henry tinha ficado com pena e permitido que passasse na loja para tirar poeira das coisas por alguns dólares a hora. Sério que Eli já tinha ido lá?

Ele estava esperando. Gracie desejou ter planejado melhor o encontro. Dizer que acreditava em monstros era mais ou menos como revelar sua coleção de bichos de pelúcia que ainda ficavam em cima da cama, como se anunciasse: *Ainda sou uma menininha. Ainda tenho medo dessas coisas imaginárias que podem se enroscar na minha perna e me arrastar para o fundo*.

— Você conhece o Monstro do Lago Ness? — indagou, de repente.

Eli franziu as sobrancelhas.

— Não pessoalmente.

Gracie foi com tudo:

— Você acha que ele existe de verdade?

Eli fechou o livro com muito cuidado e a analisou com aqueles olhos muito sérios e muito azuis, os vincos entre as sobrancelhas cada vez mais acentuados. Os cílios eram tão louros que quase pareciam brancos.

— Você andou olhando os meus registros na biblioteca? — perguntou. — Porque isso é crime federal.

— O quê? — Foi a vez de Gracie de encarar Eli com atenção. — Não, não espionei você. Só fiz uma pergunta.

— Ah. Bem. Bom. Porque, para falar a verdade, nem tenho muita certeza se é mesmo um crime.

— O que você anda lendo que tem tanto medo que alguém descubra? Pornografia?

— Todos os que encontro — concordou, na mesma voz séria. — Quero ler o máximo de pornografia possível. A coleção da biblioteca de Little Spindle é pequena, mas a curadoria foi bem cuidadosa.

Gracie bufou, e os cantos da boca de Eli se ergueram um pouquinho.

— Tá, seu pervertido. Annalee me disse que talvez você soubesse sobre Idgy Pidgy e coisas do tipo.

— Annalee?

Com o queixo, Gracie indicou a mesa à janela, onde um homem de camisa com estampa havaiana e aparentemente muito ansioso se sentara de frente para a dona do estabelecimento e sussurrava alguma coisa para ela, que rasgava um guardanapo.

— Ela é a dona.

— Eu gosto de criptozoologia — explicou Eli. Diante da expressão perplexa da garota, ele exemplificou: — Tipo o Pé Grande. O Monstro do Lago Ness. Ogopogo.

Gracie hesitou.

— Você acha mesmo que todos eles existem?

— Nem todos. Estatisticamente. Mas ninguém tinha certeza de que lulas gigantes existissem de verdade até que elas começaram a aparecer nas praias da Nova Zelândia.

— Sério?

Eli assentiu, num movimento metódico com a cabeça.

— Tem um espécime no Museu de História Natural de Londres com oito metros e meio de comprimento. E acham que é um dos pequenos.

— Tá de brincadeira — murmurou Gracie.

Eli assentiu outra vez. Um movimento preciso.

— Não. Não tô.

Dessa vez, Gracie caiu no riso.

— Espera aí — pediu —, quero um Blizzard. Não vá embora.

Ele não foi.

Para Gracie, aquele verão se revelou sinuoso, desmiolado e preguicento. Pelas manhãs, "trabalhava" na Youvenirs, rearrumando as quinquilharias nas vitrines e indicando a caixa registradora a algum raro cliente. Ao meio-dia, encontrava com Eli, e os dois iam à biblioteca ou pedalavam até sua enseada, apesar de Eli achar que uma nova ocorrência seria improvável.

— Por que ele voltaria aqui? — indagou o garoto, enquanto os dois encaravam a água, cheia de pontos reluzentes refletindo o sol.

— Ele já veio uma vez. Talvez goste da sombra.

— Ou talvez só estivesse de passagem.

Passavam a maior parte do tempo conversando sobre Idgy Pidgy. Ou pelo menos era como as conversas sempre começavam.

— Talvez você simplesmente tenha visto um monte de peixes — sugeriu Eli, enquanto folheavam um livro sobre mitos norte-americanos à sombra de um guarda-sol no Rottie's Red Hot.

— Teria que ser um peixe muito grande.

— Carpas podem pesar até vinte quilos.

Gracie balançou a cabeça.

— Não, as escamas eram diferentes.

Pareciam joias. Como um leque de conchas de haliote. Pareciam nuvens se movendo por cima da água.

— Sabe, cada cultura tem o próprio conjunto de megafauna. Um corvo azulado gigantesco foi visto no Brasil.

— O que eu vi não era um corvo azul. E "megafauna" parece nome de banda.

— Mas não de uma banda boa.

— Eu iria num show deles. — Gracie balançou a cabeça. — Por que você come assim?

Eli hesitou.

— Assim como?

— Como se tivesse que escrever uma redação sobre cada mordida. Você está comendo um cheeseburguer, não desarmando uma bomba.

Mas Eli fazia tudo daquele jeito, lenta e cuidadosamente. Andava de bicicleta daquele jeito. Escrevia em seu caderno de espiral azul daquele jeito. Levava o que parecia uma hora para escolher o que ia comer no Rottie's Red Hot, sendo que só tinha cinco coisas no cardápio, que nunca mudava. Era mesmo estranho, e Gracie ficava agradecida por seus amigos do colégio passarem a maior parte do verão em Greater Spindle, porque assim não precisaria explicar o que estava fazendo. Mas também tinha um aspecto meio encantador no jeito como Eli levava as coisas tão a sério, como se realmente dedicasse toda a sua atenção ao que fazia.

Compilaram listas de aparições do Idgy Pidgy. Eram menos de vinte na história da cidade e remontavam aos anos 1920.

— A gente devia fazer referências cruzadas com as aparições no lago Ness e em Ogopogo — sugeriu Eli. — Tentar encontrar um padrão. Aí vamos poder definir quando precisamos vigiar a lagoa.

— Vigiar — repetiu Gracie, desenhando uma serpente marinha na margem da lista de Eli. — Coisa de polícia. Podemos estabelecer um perímetro.

— E por que faríamos isso?

— É o que as pessoas fazem nos filmes policiais. Estabelecem o perímetro. Encurralam o suspeito.

— Nada de TV, lembra?

Os pais de Eli não permitiam o uso de qualquer tipo de "tela". Ele até usava os computadores da biblioteca, mas em casa não tinha internet, ce-

lular ou televisão. Pelo jeito, eles também eram vegetarianos, e Eli gostava de comer toda a carne que podia quando ficava sozinho. As batatas fritas eram o mais perto que ele chegava de legumes. Gracie às vezes se perguntava se o menino seria pobre de um jeito diferente do dela. Eli nunca parecia estar sem dinheiro para o fliperama ou para comprar pretzels, mas estava sempre com as mesmas roupas e com fome. Gente endinheirada não passava o verão em Little Spindle. Mas gente sem dinheiro sequer viajava no verão. Gracie não tinha certeza se queria saber. Gostava do fato de não conversarem sobre os pais ou a escola.

Ela pegou o caderno de Eli e perguntou:

— Como vamos fazer uma vigilância se você não conhece o procedimento policial adequado?

— Todos os bons detetives estão nos livros.

— Sherlock Holmes?

— Conan Doyle é seco demais. Eu gosto mesmo é de Raymond Carver, Ross Macdonald, Walter Mosley. Li todos os livros de bolso daqui desse lugar, quando estava na minha fase noir.

Gracie desenhou bolhas saindo do nariz de Idgy Pidgy.

— Eli — começou, sem olhar para o garoto —, você acha mesmo que vi alguma coisa na lagoa?

— É possível.

Ela pressionou:

— Ou está só entrando no jogo para não ficar sozinho?

Aquilo acabou soando mais cruel do que ela pretendera, talvez porque se importasse com a resposta.

Eli inclinou a cabeça para um lado, pensando, procurando uma resposta honesta, como se estivesse calculando o valor de x.

— Talvez um pouco — declarou, por fim.

Gracie assentiu. Gostou de ele não ter tentado fingir que era diferente.

— Por mim, tudo bem. — Ela pulou para descer de cima da mesa. — Você pode ser o veterano de guerra sem graça que tem problemas com bebida, e eu vou ser a policial indomável.

— Posso usar um terno barato?

— Você tem um terno barato?

— Não.

— Então pode usar esse mesmo short de algodão sem graça de sempre.

———

Os dois foram de bicicleta a cada um dos locais onde houvera aparições de Idgy Pidgy, até chegar em Greater Spindle. Alguns lugares eram ensolarados, outros ficavam na sombra; alguns eram em praias, outros ficavam em faixas estreitas de rocha e areia. Não havia padrão. Quando se cansavam de Idgy Pidgy, iam para o Fun Spot jogar skee ball ou minigolfe. Eli era péssimo em ambos, mas parecia perfeitamente contente em perder para Gracie, enquanto mantinha um registro muito organizado de suas péssimas pontuações.

Na sexta-feira antes do Labor Day, foram para a frente da biblioteca e almoçaram os sanduíches de tomate e milho que a mãe de Gracie tinha feito no começo da semana. Um mapa dos Estados Unidos e do Canadá estava estirado sobre a mesa de piquenique diante deles. O sol batia forte em seus ombros, e Gracie se sentia suada e letárgica. Queria ir para a lagoa só para nadar, sem procurar pelo Idgy Pidgy, mas Eli alegou que estava quente demais para se mexer.

— Deve ter algum churrasco acontecendo em algum lugar — comentou ela, deitando-se no banco, enterrando os dedos do pé na grama morta sob a mesa. — Quer mesmo passar a sua última sexta-feira livre da escola olhando para mapas no meio da cidade?

— Sim — respondeu ele. — Quero mesmo.

Gracie percebeu que sorria. A mãe parecia querer ficar o tempo todo com Eric. Mosey e Lila moravam praticamente ao lado uma da outra e eram melhores amigas desde os cinco anos. Era legal que uma pessoa preferisse a companhia dela, mesmo que fosse Eli Cuddy.

Gracie cobriu os olhos com o braço para tapar o sol.

— Temos alguma coisa para ler?

— Devolvi todos os livros que peguei.

— Leia os nomes das cidades no mapa para mim.

— Por quê?

— Porque você não quer ir nadar e eu gosto que leiam para mim.

Eli pigarreou.

— Burgheim. Furdale. Saskatoon...

Ditos em sequência, soavam quase como uma história.

———

Gracie considerou convidar Eli para ver os fogos de fim da estação em Ohneka Beach, na noite seguinte, junto com Lila e Mosey, mas não sabia bem como explicar por que estava o tempo todo com ele e sentia que devia passar a noite na casa de Mosey. Não queria se sentir totalmente de fora quando as aulas começassem. Era um investimento para o ano escolar. Mas, quando chegou a segunda-feira e não viu Eli andando na estrada principal ou na DQ, sentiu-se um pouco vazia.

— O garoto foi embora? — perguntou Annalee, enquanto Gracie cutucava a casquinha de cabeça para baixo no prato.

Tinha decidido experimentar um sorvete com calda de cereja. Era tão horrível quanto se lembrava.

— O Eli? É. Voltou para a cidade.

— Ele parece bacana — comentou a mulher, pegando o sorvete de Gracie e jogando-o no lixo.

— Minha mãe quer que você venha jantar com a gente na sexta-feira — anunciou Gracie.

Mas ela podia admitir que talvez Eli Cuddy fosse mais do que só bacana.

Em maio do ano seguinte, logo antes do Memorial Day, o feriado em homenagem aos militares que morreram em combate, Gracie foi até sua enseada em Little Spindle. Tinha ido várias vezes ali, ao longo do ano letivo. Fez o dever de casa lá até começar a ficar frio demais para o corpo se manter parado confortavelmente, reparando no gelo que se formava na margem conforme o inverno avançava. Quase saltou para fora do corpo quando um vidoeiro estalou sob o peso da geada acumulada nos galhos e caiu nas águas rasas com um lamento resignado. E, naquela última sexta-feira de maio, certificou-se de que estava na margem da lagoa, tentando fazer as pedrinhas quicarem na água, só para o caso de a data ter alguma magia especial ou de o Idgy Pidgy ter um relógio biológico que marcava o tempo. Nada aconteceu.

Ela foi até o Youvenirs, mas já tinha passado no dia anterior para ajudar Henny a se preparar para o verão, e não havia mais o que fazer, então finalmente foi para a Dairy Queen, onde pediu batatas fritas onduladas que nem queria comer.

— Esperando o seu amigo? — perguntou Annalee, perscrutando o jornal em busca das palavras cruzadas.

— Estou só comendo as minhas batatas.

Quando viu Eli, Gracie foi acometida por um acesso de alívio constrangedor. O garoto estava mais alto — bem mais alto —, mas tão magro, úmido e sério

como antes. Gracie não se moveu, sentido um nó na boca do estômago. Talvez Eli não quisesse mais andar com ela. *Não tem problema*, disse a si mesma. Mas o garoto examinou as mesas antes mesmo de ir até o balcão, e, quando a viu, seu rosto pálido se iluminou como fogos de artifício prateados.

Annalee soltou uma risada que soava demais como uma gargalhada triunfal.

— Oi! — cumprimentou Eli, aproximando-se a passos largos. Suas pernas pareciam chegar até o queixo. — Encontrei uma coisa incrível. Quer um Blizzard?

E, de repente, o verão estava de volta.

Escamas

A tal coisa incrível era uma sala empoeirada no porão da biblioteca, cheia de vinis antigos amontoados, uma plataforma giratória e uma pilha de fones de ouvido envoltos em um ninho de fios negros espiralados.

— Estou tão feliz que isso ainda esteja aqui — comentou Eli. — Encontrei logo antes do Labor Day, mas fiquei com medo de alguém finalmente conseguir parar para limpar a sala durante o inverno.

Gracie sentiu uma pontada de culpa por não ter passado aquele final de semana com Eli, mas também estava contente por ele ter esperado para lhe mostrar a sala.

— Aquela coisa funciona? — perguntou ela, apontando para a coluna de aparelhos de som.

Eli acionou alguns interruptores, e luzes vermelhas começaram a piscar.

— Tudo pronto.

Gracie pegou um disco na prateleira e leu o título*: Jackie Gleason: Music, Martinis and Memories.*

— E se eu só quiser a música dessa Jackie?

— Podemos ouvir só um terço do disco.

Fizeram uma pilha de discos, numa competição para encontrar a capa mais esquisita — torradeiras voadoras, homens em chamas, princesas bárbaras usando biquínis metalizados —, e ouviram todos ali mesmo, deitados no chão, os enormes fones de ouvido pretos envolvendo as orelhas. Quase todas as músicas eram horríveis, mas alguns poucos álbuns eram realmente bons. A capa de *Bella Donna* exibia Stevie Nicks vestida como um anjo decorativo de árvore de Natal e segurando uma cacatua, e eles ouviram o álbum inteiro duas vezes. E quando chegou a vez de "Edge of Seventeen", Gracie se imagi-

nou emergindo das águas da lagoa em um longo vestido branco e sobrevoando o bosque, o cabelo tremulando atrás de si como um estandarte negro.

Foi só quando estava pedalando de volta para casa, com o estômago gemendo pedindo comida enquanto cantarolava *Ooh baby ooh baby oohh,* que ela percebeu que não tinham falado do Idgy Pidgy nenhuma vez.

Apesar de não estar exatamente mantendo Eli em segredo de Mosey e Lila, Gracie também não chegara a mencioná-lo. Simplesmente não tinha certeza de que as duas entenderiam seu amigo. Mas, certa tarde, quando os dois estavam comendo no Rottie's Red Hot, ouviram uma buzina no estacionamento. Olhando em volta, Gracie viu Mosey no Corolla do pai, com Lila no banco do carona.

— Sua carteira não é provisória? — perguntou ela, quando Mosey e Lila se espremeram nos bancos arredondados.

— Meus pais não se importam, desde que eu só venha até Little Spindle. Porque aí não precisam me trazer aqui. E o que você tem feito?

Mosey lançou um olhar enfático para Eli.

— Nada especial. Tenho ido para o Youvenirs. O de sempre.

Eli não se pronunciou, só se ocupou em distribuir porções de ketchup em espirais inclinadas formando um desenho intrincado ao lado das batatas fritas.

Os quatro comeram. Conversaram sobre pegar o trem para a cidade para assistir a um show.

— Por que sua família não fica em Greater Spindle? — perguntou Mosey.

Eli inclinou a cabeça para um dos lados, dando atenção absoluta à pergunta.

— A gente sempre veio pra cá. Acho que eles gostam da calmaria.

— Eu também gosto — interveio Lila. — Não tanto da lagoa, mas é legal no verão, quando Greater Spindle fica uma loucura.

Mosey enfiou uma batata na boca.

— A lagoa é mal-assombrada.

— Pelo quê? — perguntou Eli, se inclinando para a frente.

— Uma mulher afogou os filhos lá.

Lila revirou os olhos.

— Isso é pura mentira.

— *La Llorona* — comentou Eli. — "A chorona". Tem lendas disso em todos os cantos.

Ótimo, pensou Gracie. *Podemos ir caçar fantasmas todos juntos agora*.

Ela tentou ignorar a inquietação que sentia nas entranhas. Disse a si mesma que não tinha apresentado Eli a Mosey e Lila porque ele era muito esquisito, mas agora não tinha mais tanta certeza disso. Adorava Mosey e Lila, mas sempre se sentia meio sozinha perto delas, até quando estavam sentadas juntas ao redor de uma fogueira ou amontoadas na última fileira do Spotlight, assistindo a uma matinê. Não queria se sentir assim perto de Eli.

Quando Mosey e Lila voltaram para Greater Spindle, o garoto reuniu as vasilhas de plástico em uma bandeja e comentou:

— Foi divertido.

— É — concordou Gracie, um pouco animada demais.

— Vamos pegar as bicicletas para ir até Robin Ridge amanhã.

— Todo mundo?

Eli franziu as sobrancelhas, naquela expressão familiar.

— Bem, é. Eu e você.

Todo mundo.

Dentes

Gracie não sabia dizer quando Eli tinha secado, só sabia o momento em que reparou. Estavam deitados no chão do quarto de Mosey, a chuva castigando as janelas.

Gracie tinha tirado a carteira de motorista naquele verão, e o namorado da mãe não se importava de emprestar a caminhonete vez ou outra, quando a menina quisesse dirigir até Greater Spindle. Arranjar dinheiro para a gasolina era mais complicado. Havia empregos melhores em Greater Spindle, mas com certeza nenhum compatível com os turnos de trabalho de sua mãe, por isso ainda trabalhava no Youvenirs, onde conseguia chegar de bicicleta.

A sensação era de que Little Spindle a encurralava, como se estivesse parada na margem cada vez mais estreita de um lago cuja maré avançava. Não paravam de falar sobre os testes de aptidão, inscrições na faculdade e estágios de verão. Tudo parecia acelerar, e todo mundo estava ganhando impulso, pronto para disparar para o futuro em trajetórias cuidadosamente planejadas, enquanto Gracie ainda se esforçava para se levantar.

Quando começava a sentir esse pânico, encontrava Eli na Dairy Queen ou na biblioteca, e os dois iam até o "Salão dos Discos", onde enfileiravam todos

os álbuns do Bowie para encarar seu rosto frágil e misterioso, ou ouviam o *Emmet Otter's Jug-Band Christmas* enquanto tentavam decifrar todas as pistas na capa do *Sgt. Pepper*. Não sabia o que ia fazer quando começasse o ano letivo.

Foram até Greater Spindle na caminhonete de Eric sem nenhum plano específico, com o rádio ligado, as janelas abertas para não precisar usar o ar-condicionado e economizar gasolina, suando sobre a capa de plástico dos bancos. Quando a tempestade caiu, se abrigaram na casa de Mosey para ver filmes.

Lila e Mosey estavam na cama pintando as unhas do pé e escolhendo músicas para mostrar uma para a outra, e Gracie se esparramara no carpete com Eli, ouvindo-o ler algum livro chato sobre hidrovias. Não prestava muita atenção. Estava deitada de bruços, a cabeça apoiada nos braços, ouvindo a chuva bater no teto e o murmúrio da voz de Eli, sentindo-se bem pela primeira vez em algum tempo, como se alguém tivesse tirado o nó de tensão quente que sempre parecia ter se formado sob as costelas e o mergulhado em água fria.

O trovão era um ribombo quase contínuo, e o ar lá fora parecia denso e elétrico. Dentro de casa, o ar-condicionado tinha arrepiado os pelos de seus braços, mas sentia preguiça demais para se levantar e aumentar a temperatura ou pedir um casaco.

— Gracie — chamou Eli, cutucando seu ombro com o pé descalço.

— Hum?

— Gracie. — Ela ouviu o garoto se movendo e, quando ele falou de novo, a cabeça estava perto da dela, e a voz saía num sussurro: — Aquela enseada que você gosta não tem nome.

— E daí?

— Todas as prainhas e angras têm nomes, mas não a sua enseada.

— Então vamos dar um nome a ela — murmurou a garota.

— Praia... rochosa?

Ela se virou, deitando com as costas no chão, e olhou para cima, para as constelações de estrelas amarelas presas no teto de Mosey.

— Horrível. Parece nome de condomínio. Ou de sanduíche. Que tal "Arquipélago da Gracie"?

— Não é um arquipélago.

— Então vamos pensar num nome bom. Que tenha a ver com Idgy Pidgy. Enseada Escama do Dragão. Ou Enseada Serpentina.

— Mas ela não tem formato de serpente.

— Enseada Boca da Fera.

— *Boca da Fera*? Você não quer que ninguém visite o lugar?

— É claro. Nunca. Litoral Prateado.

— Mas não é o litoral inteiro.

— As escamas eram prateadas. Já sei, para o primeiro nome, me diz uma coisa com P.

— Platô.

— Perfeito. Platô Prateado.

— Mas não é um Platô.

— Podemos chamar de Descanso do Eli, depois que eu afogar você lá. Desse jeito é impossível.

Ela se virou de bruços de novo e olhou para cima. Viu Eli apoiado nos cotovelos, o livro aberto à sua frente. Gracie tinha outra sugestão na ponta da língua, mas as palavras fugiram como um peixe se soltando do anzol.

Mosey e Lila conversavam aos murmúrios, uma música de péssima qualidade saía do celular dela. A camiseta de Eli estava bem esticada nos ombros, e a luminária ao lado da cama de Mosey projetava uma espécie de halo atrás da cabeça dele. Ela sentia o cheiro da tempestade nele, como se o relâmpago o tivesse seguido até em casa, como se ele fosse feito das mesmas nuvens densas de chuva. Sua pele não parecia úmida. Parecia brilhar. Eli marcava a página com o dedo, mantendo o livro aberto, e Gracie sentiu um desejo súbito de deslizar as mãos pelos nós dos dedos dele, pelos pulsos, pelos finos pelos louros do antebraço. Recuou, hesitante, tentando afastar o pensamento.

Eli a encarava cheio de expectativa.

— Temos que pensar no nome perfeito — declarou, o rosto sério e determinado como sempre.

Era um rosto adorável. O constante estado de reflexão impulsionava a mandíbula para a frente, criava um sulco profundo entre as sobrancelhas franzidas.

Gracie disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Vamos chamar de Lance.

— Por quê...?

— Porque a gente lança coisas lá dentro.

Será que estava fazendo sentido?

Eli assentiu, avaliando, então irrompeu num sorriso ridículo, iluminado e horrivelmente lindo.

— Perfeito.

A volta para casa mais parecia um castigo: o ar frio entrando pelas janelas, o rádio baixinho, aquele sentimento estranho e indesejado marcando um novo compasso em seu peito. A estrada escura se desenrolava diante deles. Gracie desejou estar em casa. Desejou que nunca parassem de dirigir.

A transformação de Eli era uma traição, o resultado surpreendente de uma promessa falsa. Eli Cuddy era supostamente seguro, mas começava a parecer perigoso. Gracie olhou em volta, tentando querer outra pessoa. Fora apaixonada por Mason Lee no nono ano, e fizera Lila levá-la até Okhena Beach, onde o rapaz trabalhava como salva-vidas, na esperança de que estar diante dele trouxesse um pouco de juízo à sua cabeça. Infelizmente, o único traço incrível de Mason era seu físico sem camisa. O garoto parecia um golden retriever. Gracie até entendia por que as pessoas se interessavam por ele, mas o apelo não era suficiente para querer levá-lo para casa.

As manhãs dos dias em que sabia que ia ver Eli de repente pareciam intensas e cheias de possibilidades. Comprou uma blusa nova, de um tom de roxo crepuscular suntuoso, botou brincos compridos de penas de prata e comprou um brilho labial de flor de macieira só porque parecia mágico dentro da latinha rosa e dourada e a sensação de encostar os dedos na boca era quase um sortilégio. *Olhe para mim. Olhe e me veja do mesmo jeito que eu vejo você.*

Gracie sabia que estava sendo idiota. Se por acaso Eli gostasse dela mais do que como amiga, nunca dera indícios. E talvez até tivesse uma namorada na cidade, uma garota com quem trocava cartas extensas e beijos entre as aulas. O garoto nunca dissera se tinha namorada, mas Gracie nunca perguntara. Isso nunca importara. Não queria que passasse a importar.

O verão assumiu outro tom — um tom desesperado e irregular, as cristas e os vales das costas de um dragão. O mundo parecia cheio de perigos. Cada música de cada disco vibrava, coberta de maus agouros. Percebeu que passara a tentar se comunicar pelos discos que escolhia, interpretando as seleções de Eli como a um código. Obrigou-se a passar mais tempo com Mosey e Lila, ficar mais no Youvenirs, limpando coisas que não precisavam ser limpas, travando uma luta contra o anseio recém-descoberto pela companhia de Eli. Recém-descoberto, mas será que era novo? Desde o começo de tudo, as horas que passava com Eli eram ilhas de areia quente, refúgios que tornavam suportável a travessia das águas turvas do restante do ano.

Estava dividida entre a necessidade de se pronunciar, de dar voz àquela coisa dentro dela antes que o verão acabasse, e a convicção de que precisava evitar a qualquer custo entrar nesse caminho desastroso. Pela primeira vez, notou que fazia contagem regressiva até setembro. Se pelo menos conseguisse chegar até o Labor Day sem deixar o coração sair pela boca, teria todo o ano letivo para superar aquela sensação ridícula e lamentável que a dominara.

No sábado antes do feriado, Gracie e Eli assistiram aos fogos de artifício de encerramento da temporada no céu de Greater Spindle. Estavam sentados lado a lado na beira da caminhonete, os joelhos quase se tocando, os ombros roçando de leve.

— Queria que você tivesse telefone — comentou ela, ainda que não tivesse intenção.

— Eu também meio que queria.

— Só meio?

— Gosto de estocar as coisas que quero contar para você.

Isso devia bastar, disse Gracie a si mesma, vendo a luz azul e prateada banhar o brilho agudo das feições de Eli. *Isso devia ser mais do que o suficiente.*

Foi ficando mais fácil. Gracie sentia falta do verão. Sentia falta de Eli, mas era um alívio estar livre da perspectiva de um novo encontro. Foi para o penúltimo baile da escola com Ned Minnery, que era engraçado e tocava trompete. Um garoto que adorava piadinhas. Estava usando suspensórios e calças listradas e sabia fazer truques de mágica. Ned era o anti-Eli. Não havia nada de sério a respeito dele. Foi uma noite divertida, mas Gracie ficou pensando que talvez não fosse boa nessa coisa de se divertir. Bebeu vodca de pêssego o suficiente para se convencer a beijar Ned, depois vomitou na beira da estrada.

Quando o Memorial Day chegou, Gracie sentia-se pronta para rever Eli, mas não se permitiu ir à Dairy Queen. Não podia ter outro verão daqueles. E não teria. Em vez disso, foi para Okhena Beach e se instalou ao lado de Mosey e Lila na areia. Ficou lá conforme o sol afundava e as chamas da fogueira de abertura do fim de semana começavam a crepitar. Quando alguém apareceu com um violão, Gracie encontrou um lugar em cima de uma mesa de piquenique, a certa distância, apoiando os pés descalços no banco, tremendo mesmo com o suéter. *Estou ótima*, pensou, dizendo a si mesma que dali a pouquinho se juntaria aos outros, perto das chamas. *Estou bem*. Mas todos os meses de dedicação caíram por terra quando viu Eli andando até ela com aqueles

passos longos e despreocupados, o cabelo reluzindo à luz da fogueira, o rosto ávido e carregando aquela mochila idiota de sempre. Como ele tinha chegado até ali, para começo de conversa? Será que os pais tinham deixado ele pegar o carro? Sentiu o desejo se expandir dentro de si, como se a sensação estivesse apenas esperando o clima mais quente para desabrochar.

Eli se sentou ao seu lado e disse:

— Você não vai acreditar no que descobri. O Salão dos Discos tem uma coleção inteira de discos narrados, fica atrás da seção natalina. É incrível.

Gracie se obrigou a rir.

— Mal posso esperar.

Você sentiu saudades? Beijou alguém? Eu beijei, e foi horrível.

Ela não ia conseguir. Não podia passar mais um verão daqueles. Ia enlouquecer. Precisava inventar alguma desculpa: turnos extras de última hora na Youvenirs, um surto de cólera. O que fosse preciso. Tirou o pote de brilho labial de maçã do bolso. Estava quase vazio, mas não tinha se dado ao trabalho de comprar mais. Era constrangedor demais lembrar das coisas que se permitira pensar quando pagara por aquilo.

Eli pegou o pote de suas mãos e o jogou escuridão adentro, no meio da lagoa.

— Ei! — protestou Gracie. — Por que você fez isso?!

Ele inspirou fundo. Ergueu os ombros, que logo desabaram.

— Porque passei nove meses pensando em maçãs.

O silêncio desceu sobre eles como uma cortina. Ao longe, Gracie ouvia as pessoas falando e o dedilhar langoroso de acordes de violão, mas era tudo em outro país, outro planeta. Eli Cuddy a olhava com toda a atenção, os olhos azuis quase negros. Aquela sensação incorrigível em seu peito palpitou, transformando-se em outra coisa, ousando desabrochar.

Os longos dedos de Eli envolveram seu rosto, percorreram a nuca, mantendo-a imóvel, como se ele precisasse se dedicar totalmente a ela, como se pudesse assimilá-la da mesma forma que alguém aprende uma língua, desenhá-la como se traça uma rota. Eli a beijou como se Gracie fosse uma música e ele estivesse determinado a ouvir cada nota que a compunha. Beijou-a do mesmo jeito que fazia tudo: levando a sério.

O verão agora era robusto, pleno, uma fruta quase estourando de tão madura, um sol emergindo do mar, gordo, amarelo e feliz. Eles trocavam beijos atrás

da Youvenirs, nos bancos de veludo vermelho do Spotlight, no chão do salão de discos, com o som de estática preenchendo os fones que envolviam seus pescoços quando uma música ou outra chegava ao fim.

— A gente podia ir para a sua casa — sugeria ela.

— A gente podia ir para a *sua* casa.

Sempre ficavam onde estavam.

Nas tardes, quando saíam da DQ, os lábios de Eli estavam frios e com gosto de cereja. Nas noites perfumadas do verão, deitados nos baixios da enseada que tinham batizado de Lance, as mãos dele ficavam quentes e inquietas. Gracie se sentia flutuar nas sandálias. Sentia-se coberta de joias. Sua bicicleta era um cavalo alado.

Mas em algum momento, mais para o fim de julho, o zumbido dos insetos assumiu um tom pesaroso. Apesar do calor, do dorso das coxas queimado de sol e do letreiro de néon na estrada principal, ela sentia o verão começar a acabar.

À noite, ouvia a mãe e Eric rindo na sala de estar, embalados pela música de fundo melancólica da televisão ligada, e ficava deitada de lado, encolhida, o pânico brotando dentro dela. Com Eli, conseguia esquecer que tinha dezessete anos. Esquecer Little Spindle e o que em breve aconteceria. Seria uma página virada na vida da mãe, se tivesse sorte. Pegaria um empréstimo para comprar um carro e poder fazer a faculdade mais barata que encontrasse. Veria seus colegas da escola partirem para outros lugares, lugares melhores. Queria que Eli tivesse telefone. Queria poder tocá-lo ali, no escuro. *A gente podia trocar cartas. Eu posso pegar o trem para Nova York nos fins de semana.* Pensava nessas coisas toda noite, mas na tarde seguinte Eli reluzia como uma moeda ao sol, e ela só queria beijar aquela boca pensativa.

Dias e noites se dissolveram, e foi só no sábado antes do Labor Day que ela comentou:

— Mosey está pensando em ir para a Universidade de Nova York.

Eli inclinou o corpo para trás, apoiando-se nos cotovelos. Estavam deitados sobre um cobertor na enseada que tinham batizado de Lance, o sol brilhando como estrelas irregulares por entre os galhos dos carvalhos e vidoeiros.

— Ela vai tentar mesmo?

— Acho que sim. Ela é inteligente o bastante para conseguir uma vaga. — Eli não respondeu, e Gracie acrescentou: — Deve ser divertido trabalhar na cidade.

O franzir de sobrancelhas tomou a expressão de Eli.

— Claro — retrucou. — Mas é uma mudança e tanto.

Não responda, disse Gracie a si mesma. *Deixe pra lá*. Mas a armadilha estava bem ali. Ela tinha que falar.

— Você não quer que eu vá para a cidade?

Eli se inclinou para a frente e jogou uma pedrinha na lagoa.

— Você devia ir para onde quiser.

A dor que Gracie sentiu desabrochar em seu peito era uma coisa viva, uma planta saída de um filme de ficção científica, cheia de gavinhas ondeantes e urtigas venenosas.

— Claro — respondeu, baixinho.

Não havia nada de errado no que Eli dissera. Era só um namoro de verão. E ele estava certo. Gracie devia mesmo ir para onde quisesse. Não precisava que Eli desejasse que ela fosse para outra cidade para sair dali. Podia dormir no sofá de Mosey até encontrar um emprego. Será que tinha sofá no alojamento das faculdades?

— Gracie... — começou Eli, estendendo a mão para pegar a dela.

Gracie se levantou de um pulo.

— Tenho que ir encontrar a Mosey e a Lila.

Foi então que Eli se levantou. A luz do sol abraçava seu cabelo, sua pele. Quase não dava para fixar os olhos nele, de tão brilhante.

— Vamos nos encontrar amanhã de manhã — pediu ele. — Só tenho mais um dia p...

— Tá.

Já tinha jogado a mochila nos ombros e subido na bicicleta, determinada a se afastar antes que Eli pudesse ver seu orgulho derreter, escapando dos olhos em lágrimas grandes e gordas. Ela pedalou o mais rápido que podia, com medo de que ele a seguisse. Desejando desesperadamente que ele a seguisse.

Gracie não foi trabalhar no dia seguinte. Não foi por escolha própria. Simplesmente deixou os minutos escaparem. Eli nunca ia vê-la em casa. Nunca tinha visto o quarto dela ou assistido à TV no sofá, só ficava esperando do lado de fora, parado ao lado da bicicleta na entrada da garagem enquanto Gracie subia para pegar um casaco ou trocar de sapato. Gracie nunca sequer conhecera os pais dele. Porque aquilo era a vida real, e o romance deles era diferente.

Você está sendo idiota, disse a si mesma. *Eli vai embora daqui a dois dias. Aproveite enquanto dura. Não atrapalhe a diversão.* Mas Gracie não era muito boa nessa coisa de se divertir, não no tipo de diversão que as outras pessoas pareciam apreciar. O cara de quem mais gostava não gostava dela,

não a ponto de querer mais, e Gracie não queria fingir que isso não era horrível. Ela era o sorvete de cereja, era todos aqueles livros de bolso antigos, era os discos empilhados em prateleiras empoeiradas, era qualquer coisa para prender a atenção de Eli, talvez até uma coisa de que ele realmente gostasse, mas pertencia ao verão — não parecia mais tão real quando o clima mudava.

Gracie leu. Gracie assistiu à TV. Então, o fim de semana se foi, e Gracie sabia que Eli tinha ido junto. E tudo bem. No verão seguinte, não estaria esperando na Dairy Queen ou trabalhando no Youvenirs. Ia concluir o ensino médio, então iria para Nova York ou para o Canadá ou coisa parecida. Mas não estaria em Little Spindle.

Cauda

Uma semana depois da volta às aulas, Gracie foi ver Annalee. Não sabia que pretendia visitá-la, mas, mesmo sem saber, se viu banhada pelas luzes fluorescentes da Dairy Queen.

Não pediu nada. Não estava com fome. Deslizou para o banco em frente ao de Annalee e perguntou:

— Como eu faço para melhorar? Como faço essa dor passar?

Annalee baixou as palavras cruzadas.

— Você devia se despedir.

— É tarde demais. Ele já foi.

— Às vezes, mesmo depois dizer adeus já ajuda.

— Você sabe... se ele chegou a sentir o mesmo que eu?

— Ah, minha *tsigele*. — Annalee deu uma batidinha com a caneta na mão de Gracie. — Algumas pessoas usam o coração. Outras o carregam.

Gracie soltou um suspiro. Tinha mesmo esperado que Annalee pudesse ajudá-la a se sentir melhor? Little Spindle era cheia de monstros de mentira, de falsas bruxas, de histórias que não passavam de histórias. Mas qualquer coisa valia a tentativa.

Apesar de o clima ainda estar quente, a estrada principal estava quieta, e, quando ela fez a curva para a estreita estrada de terra que levava à sua enseada, o bosque parecia quase desamparado, como se estivesse na última vigília do verão. Gracie se sentiu culpada. Antes de Eli, aquele lugar tinha sido seu

recôndito, uma enseada sem nome e reconfortante. *Por onde você andou?*, sussurravam as agulhas dos pinheiros.

Apoiou a bicicleta numa árvore na clareira e andou até a margem. O lugar não parecia mais um santuário. Mosey não tinha dito que a lagoa era mal-assombrada? A enseada parecia repleta de fantasmas que ela queria poder exorcizar. Tinha tantas boas memórias com Eli. Será que também precisava perder todas as coisas boas?

E foi aí que Gracie ouviu: uma única respiração baixinha, poderia ter sido uma brisa. Então outra — uma respiração rouca. Olhou para além dos baixios sombreados. Havia um corpo caído nas águas rasas.

Gracie não se lembrava de ter se movido, só sabia que uma hora estava de pé, na margem, aturdida, então, no instante seguinte, estava de joelhos na água.

— Eli!

— Você veio.

— O que aconteceu? O que é isso?

Eli estava quase azul de tão pálido, as veias muito visíveis através da pele.

— Eu não devia ter esperado. Eu tenho três meses. É a regra.

— Que regra?

— Eu queria dizer adeus.

— Eli...

— Eu fui egoísta. Não queria que você fosse para a cidade. Precisava poder ansiar pelos nossos encontros. Me desculpe. Me desculpe, Gracie. Os invernos são tão longos.

— Eli, estou com o celular. Posso ligar...

— Agora estou morrendo, então posso contar...

— *Você não está morrendo!* — gritou Gracie. — Está desidratado, ou então com hipotermia.

Mas, mesmo enquanto falava, percebeu que a água estava mais quente do que deveria.

— Era eu naquele dia. Você estava tacando pedrinhas na lagoa. Tinha ralado o joelho. Eu só vi você por um segundo. Era o último dia de maio. — As pálpebras dele tremularam, abrindo e fechando. — Eu não devia ter te beijado, mas esperei por tanto tempo. Era melhor que sorvete. Era melhor que os livros.

Gracie estava chorando.

— Eli, por favor, me deixa...

— É tarde demais.

— Quem disse? *Quem disse?*

Eli deu de ombros, num movimento ínfimo que se transformou em tremor.

— A lagoa. Tenho três meses para andar sobre a terra. Mas sempre tenho que voltar para ela.

Os pensamentos de Gracie voltaram voando para aquele dia na enseada, para a criatura na água. Era impossível.

— Não tem livros lá embaixo — explicou ele. — Nem palavras, nem linguagem.

Nem Dairy Queen. Nem bicicletas. Nem música. Não era possível.

Gracie piscou, e o corpo de Eli pareceu estremecer, quase fantasmagórico: parte garoto e parte alguma outra coisa. Lembrou-se de Annalee dando batidinhas em sua mão com a caneta. Algumas pessoas usam o coração. Outras o carregam.

Gracie examinou a praia, passando os olhos pelos emaranhados de arbustos nos limites onde o bosque começava. Viu um pequeno amontoado escuro em meio às folhas. Gracie nunca tinha visto Eli sem aquilo, sem aquela mochila roxa feia, e foi nesse momento que ela soube.

Avançou, aos tropeços, para pegar a mochila, caiu, se levantou e a abriu com violência, puxando o zíper até o final, escancarando-a como uma bocarra. Estava cheia de porcarias. Bilhetes de prêmios das máquinas de joguinhos, cartões de pontuação do minigolfe, uma latinha rosa e dourada de brilho labial. Mas ali, bem no fundo, cintilando como uma lua oculta...

Tirou a coisa da bolsa, uma longa e frágil capa de escamas que parecia se estender eternamente. Era surpreendentemente pesada, com escamas reluzentes e afiadas sob seus dedos. Puxou a capa até Eli, arrastando-a atrás de si, tropeçando nas águas rasas da margem. Puxou o corpo dele para perto e o enrolou na capa.

— Pronto — falou, soluçante. — Pronto.

— Três meses — disse ele. — Não mais.

— Foram só alguns dias...

— Vá embora de Little Spindle, Gracie. Fique livre deste lugar.

— Não — gritou ela para a lagoa, para ninguém em particular. — Podemos fazer uma troca.

As mãos de Eli agarraram seu pulso.

— Pare.

— Pode me levar junto!

— Gracie, não!

Sentiu a água bater contra suas coxas, em uma pulsação lenta e quente como sangue, quente como um útero. E Gracie soube o que fazer. Enroscou-

-se na capa de escamas ao lado de Eli, permitindo que as arestas afiadas perfurassem seus braços, que seu próprio sangue pingasse na água.

— Me leve junto — sussurrou.

— É tarde demais — retrucou Eli. Seus olhos se fecharam. Ele sorriu. — Valeu a pena.

Então a mão que segurava o pulso dela apertou e relaxou. Gracie viu os dedos se esticarem e alongarem, formando garras afiadas como navalhas.

Os olhos de Eli se arregalaram. Gracie foi tomada pelo cheiro de nuvens de chuva, e trovões ribombaram, transmitindo o rugido de uma torrente indômita. A água que caía cobria suas orelhas enquanto o corpo de Eli mudava, primeiro ficando borrado, depois resplandecendo à luz que fraquejava. Ele se ergueu, assomando-se sobre Gracie, o corpo musculoso e sinuoso formando espirais. Era uma cobra gigantesca, uma serpente de escamas brancas reluzentes, balançando a cabeça reptiliana, as nadadeiras iridescentes se projetando das costas, estendendo-se como asas.

— Eli... — começou Gracie, mas o som que saiu de sua boca não era humano.

Ela levou a mão à garganta, mas seu braço estava curto demais e no formato errado. Gracie se virou e tateou o próprio corpo, estranho e forte, e se debateu nas águas rasas, arqueando as costas.

Na água iluminada pelo sol, Gracie viu o próprio reflexo; viu as escamas de um cinza profundo reluzindo em pequenos arco-íris, com nadadeiras de um tom de violeta comuns aos hematomas e crepúsculos, um véu de luzes de estrelas em seu corpo, contra o céu já escurecendo. Era monstruosa. Era adorável.

Foi seu último pensamento humano. Estava mergulhando na água. Estava enrolada ao redor de... quem era? Eli. O eco fraco de um nome, algo mais antigo e impronunciável, ressoou nas profundezas de sua mente. Não importava. Sentia o deslizar das escamas dele sobre as dela enquanto os dois deslizavam mais para o fundo do lago, até o repuxo da corrente, sempre juntos.

Coração

Quando encontraram a bicicleta de Gracie encostada num pinheiro perto de Little Spindle, Annalee fez o melhor que podia para explicar o que acontecera à mãe de Gracie. Claro que a mãe chamou a polícia mesmo assim. Até mandaram mergulhadores para o lago. A busca não deu

resultados, apesar de um dos mergulhadores ter alegado que alguma coisa grande demais para ser um peixe roçara em sua perna.

Gracie e Eli tinham os verões, três meses perfeitos a cada ano, para sentir a grama sob seus pés e o sol em seus ombros humanos desnudos. Escolhiam uma cidade diferente a cada verão, mas quase sempre voltavam para Manhattan, onde visitavam — acompanhados de Annalee e da mãe de Gracie, muito perplexa — uma cobertura no Upper East Side, sempre tentando evitar ficar encarando a belíssima anfitriã com pele de água corrente e olhos verdes cor de rio.

Quando chegava o outono, trocavam de nome e de corpo como se trocassem de pele e viajavam pelas águas do mundo. A lagoa detestava abrir mão da presença deles, sempre ameaçava se congelar inteira, prendendo-os ali em sua solidez, mas agora eram dois contra um, dois monstros das profundezas sinuosos e resplandecentes, com caudas que chicoteavam e olhos cintilantes, e sua força reunida esmagava antigas regras e novas discussões. Eles deslizavam rio Mohawk abaixo até o Hudson, passavam pelo deus do rio, com seus ombros cinzentos caídos, e saíam para o Atlântico. Encontravam ursos polares no Ártico e peixes-boi assustados perto de Florida Keys. Enroscavam os corpos, unindo-os num nó, e ficavam vendo as luzes oníricas das águas-vivas da costa australiana.

Às vezes, quando encontravam um passageiro solitário apoiado na amurada de um navio cargueiro, até se deixavam ser vistos. Cortavam as ondas, permitindo que a luz do luar batesse em seu couro, e o estrangeiro ficava um momento ali, parado, boquiaberto, com o coração a toda e a solidão esquecida.

Todo verão tem sua própria história

Talvez sejam os dias, que ficam mais longos e preguiçosos; ou talvez seja o calor, que deixa as pessoas mais eufóricas. Uma coisa é certa: o verão é a estação perfeita para se apaixonar... e *Aconteceu naquele verão* é o livro perfeito para quem adora histórias de amor.

Nestes doze contos, que vão do romance ensolarado aos mais surpreendentes toques de mistério, estranheza e sobrenatural, você vai se encantar pelos personagens e torcer para que todos tenham seu final feliz.

Parques de diversão, montanhas, lagos secretos, shows de rock, colônias de férias e até mesmo outras dimensões – o amor não escolhe hora nem lugar para acontecer. Então coloque seus óculos escuros, abra sua cadeira de praia e aproveite estes doze motivos para suspirar e se encantar.

"*Aconteceu naquele verão* vai conquistar todos que já se apaixonaram ou ainda vão se apaixonar."

Publishers Weekly

ISBN 978-85-510-0-1158

www.intrinseca.com.br